

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeirete: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Robson Coelho Tinoco
Universidade de Brasília

Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo

Resumo:

A produção poética brasileira respondeu de modo rarefeito, a partir da década de 70, aos desafios e oportunidades que a cultura e a nova ordem sociopolítica apresentavam, advindos, p. ex., pela Guerra Fria, lutas raciais; conceitos sobre Terceiro Mundo, sociedade de informação, ditaduras, globalização. Em tal contexto nacional-mundial, essa produção de fatos e sujeitos propõe reescrever a linguagem poética contemporânea como ex-centro de preocupações éticas delimitadas por projetos estéticos. Sob tal composto ético-estético, neorromanticamente ressaltam divergências sensíveis, frente ao cânone literário nacional, quanto a entender as fronteiras entre poesia e não-poesia, arte funcional, utilitarista e arte engajada. Ressalta, ainda, a bem-humorada e irônica, ainda que simples, denúncia dos “novos tempos” e do que os poetas propunham como busca de uma comunicação mais integrada, criativa e provocativa com as pessoas e com a arte.

Palavras-chave: poesia brasileira, neorromantismo, sociedade, contemporâneo.

Abstract:**Brasilian poetry (eccentric): marks of the contemporary neo-Romanticism**

The Brazilian poetic production answered in a rarefied way, starting from the decade of 70, to the challenges and opportunities that the culture and the new sociopolitical order presented coming e.g., for the Cold War, racial fights, concepts of Third World, society of information, dictatorships, globalization. In that national and world context, that contemporary production intends to redraft the contemporary poetic language as a former center of ethical concerns delimited by aesthetic projects. Under such an ethical-aesthetic composition, neo-romantically, sensitive divergences, from the national literary canon, come forward as to understand the borders among poetry and no-poetry, functional art, utilitarian and engaged art. Also stands out the good-humored and ironic, although simple, accusation of the “new times” and of what the poets proposed as search of a more integrated, creative and provocative communication with the people and with art.

Keywords: Brazilian poetry, neo-Romanticism, society, contemporary.

Poesia e confluências contemporâneas

Pode-se dizer quanto à poesia brasileira que desde a década de 70 do século XX ela representa um tipo de póstudo multidirecional. Aliás a expressão “póstudo”, com engenhosidade concreta, é usada num poema do paulistano Augusto de Campos, *Pós-tudo*, publicado em 1984. No livro, esse poeta paulistano reavaliava uma impressão, há muito generalizada, de que tudo já tinha acontecido e de que nada mais de novo havia a fazer ou dizer, depois de praticamente um século inteiro das mais variadas experimentações (Moriconi, 2004).

Nesse contexto havia, de um lado, o choque do chamado vanguardismo utópico com a inexorável realidade ocidental consumista; de outro, manifestações de uma exaustão conceitual perdida em si mesma, fruto de embates entre o sentido de consciência crítica e liberdade criativa (Ávila, 2007). Interligando tais “lados exauridos” se condenou a pós-modernidade pela generalização feita pelo primeiro teórico dela, o romancista norte-americano John Barth, autor do famoso ensaio “A literatura da exaustão” (1968). Sob tal percep-

ção, aliada ao sentido de uma poesia de imersão desorientada por exigências editoriais, a fórmula poética de Augusto de Campos expressa bem o clima estético brasileiro das duas últimas décadas do século XX. Assim o ano de 1984 se mostra como marco divisório entre o período das gerações 68 e 70, ainda revolucionário, e o período propriamente de final de século – segunda metade dos anos 80 e pela década de 90, marcada pela efervescência poética nacional, sobretudo nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Quanto a esse quadro sócio-estético, a década de 80 foi muito de leituras de poetas estrangeiros, de superação do cânone tradutório dos concretistas, de sobrevivência dos 70, de culto à poesia de Ana Cristina César, Adélia Prado, Manoel de Barros. Nos idos da década de 70 se cumpria bem, sem se prender a nenhuma escola ou fórmula literária, o papel-personagem do poeta incomodado em um país tricampeão de futebol, vivendo as duras marcas de um período ditatorial, ainda às margens da comunidade global em que outros países se nutriam nos novos ritmos tecnológicos e da política pós-guerra.

Mirando o Brasil, a produção poética nacional, desfigurada em suas temáticas e crítica do momento, reaplica a “dialética da malandragem” (Candido, 1993). Nessa reaplicação busca, com suas multivariações (de temas e formas), um novo caminho de reconhecimento do país atual, em que se manifestava novo caminho ético-estético, desde os anos 70, e que pressupunha uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais.

Entenda-se que, via poesia marginal sobretudo das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, se instaurara a proposta para uma nova visão de linha evolutiva da literatura. Considerava-se que, como a técnica ou a ciência que evoluem, o texto, o fazer literário também deveriam evoluir. Assim, não mais interessava a ideia de literatura como algo pré-estabelecido em si mesmo ou como processo de continuidade literária. Para o então poeta contemporâneo importava que suas “coisas” não tivessem nenhum padrão dessa continuidade com “isso que se chama literatura” (Leminski, 1994: 18).

Imersa na contemporaneidade das vanguardas multimídias, à poesia cabe um novo papel de deixar de organizar o caos sócio-his-

tórico instaurado para vivenciá-lo. Assim conseguia transitar impassível por um irregular feixe expressivo de códigos, signos e linguagens, expressando ideias-emoções de variadas faixas etárias, atrelando-se a recentíssimos processos de informação de massa ou de grupos específicos. Aliás, quanto ao sentido de “auto-afirmação e reconhecimento” citado, o escritor-poeta Haroldo de Campos afirma, sobre a poesia contemporânea (em especial sua experiência com a poesia computadorizada) que esse tipo de experiência já estava contido nas premissas históricas da Poesia Concreta, lançada e elaborada no Brasil, por volta da década de 50. (Araújo, 1999).

Considere-se que nossa produção poética contemporânea legou aquilo que se pode chamar de *espontaneísmo orientado*, atingido pelo completo domínio dos meios poéticos e de total predisposição ao poema. É, assim, naquele estranho poder de absorver o visto – processo subjetivo integrando espírito e visão – que vive a contribuição indispensável dessa produção. Imbricada em sistemas duais computadorizados, tal produção poética reafirma sua predisposição à validação do poema como ferramenta de conhecimento da natureza humana, como reação planejada ao que o poeta *vê e sente*. Pode se *ver(ler)sentir* nessa poesia, como crítica poética, que, “(...) a palavra escrita é a verdadeira alma do homem que pensa em ocidentês. Ao contrário do que pensa McLuhan, ela vai mais e mais competir com a televisão” (Pignatari, 1995: 16). É nessa leitura que a poesia reafirma, também, a necessidade do exercício poético incansável:

A opacidade das coisas
e os olhos serem só dois.
A compulsão sem culpa
de dar sentido a tudo.
O incômodo pejo
de ser só desejo.
Por fim, o acaso.
Sem o qual, nada. (Brito, 2004: 13)

Como releitura antropofágica do produto literário clássico, parte dessa poesia, ao surgir na linha do *parnasiano chic*, é para ridi-

cularizar suas possibilidades, engajando-se naquilo que se chamou, em Manuel Bandeira, de “rebelião contra as formas convertidas em fórmulas” (Bosi, 2006). Assim, uma dada situação compõe a forma que é, na maioria das vezes, realizada por um conjunto de frases bem arquitetadas, ambíguas, “vestidas” em metros comuns, com uma sonoridade profundamente presente. O poema vai, dessa maneira, rompendo suas frases que aparentemente são inequívocas, claras; suas palavras-signos (Bosi, 2003).

Acrescente-se ainda, a essa composição poética, o difuso sentido neorromântico de um lirismo marginal colado às imposições das vanguardas, sobretudo as da década de 70. Tal sentido funcionava como “amplificador” de temas e linhas, reforçando uma dada matriz poética centrada na necessidade de concentração e reflexão no *poético* de diversos assuntos, como história, religião etc.; como forma de enriquecimento do “material”, da “massa de assuntos”.

Revisitando nosso “primitivo modernismo”, Oswald de Andrade, a certa altura do *Manifesto antropófago* (1924), anuncia que “... nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós” (Teles, 1991: 355). Nossa produção poética contemporânea defendia uma lógica-em-duplicidade: ao mesmo tempo modernista, portanto “alógica”, e individual, “ilógica” pela cartilha do verso / poema bem composto. Quanto aos primeiros modernistas, considere-se que alguns de nossos poetas contemporâneos valorizam pouco a obra de Mário de Andrade, devido a características que taxavam como ufanismo exagerado e, sobretudo, um notado sentimentalismo barato.

Ainda, quanto à questão “poesia no contemporâneo e vanguardas”, deve-se retomar a noção de vanguarda como “desvio da norma” (Chlósvki, 1973). Tal sentido de desvio pode ser aplicado tanto para vanguardas estéticas quanto para vanguardas que, além do componente estético, são formadas por outros políticos, religiosos etc. Essas vanguardas possuem, em sua composição básica, um forte elemento *desviante*, que promove desde suas manifestações públicas até mesmo sua condição existencial de grupo(s) social(is).

A contracultura (década de 60), nesse sentido, pode ser definida como manifestação esteticopsicossocial (Risério, 1991) em que vida

e obra surgem como elementos, por vezes conflitantes, mas inseparáveis, em qualquer situação. A partir desse período, com ramificações sócio-estéticas que se estendem até hoje, por ex., nos *blogs* e *workut* da internet, instaura-se uma espécie de onda, também poética, neorromântica. Essa onda anuncia e oferece às pessoas novidades como drogas alucinógenas, dietas naturais, vidas alternativas, pacifismo, ecologia, orientalismo, movimento feminista, pansexualismo etc.

Integrada a tudo isso ressalta uma produção com um quê de mistura-de-um-pouco-de-tudo que se entrega às influências concreto-líricas de Donald Keene e Haroldo de Campos, em que o método ideográfico é peça-chave dessa estética vanguardista que se assume como seguidora de novos conceitos e linhas estéticas. Poesia que trabalhou exaustivamente a dicotomia e/ou dialética instaurada entre o sentido do legível e ilegível, de limite e dissolução, erudito e popular, história e filosofia, prosa e poesia, informação e comunicação, com parte dessa produção mesclando uma massa coesa de ficção e erudição.

Assim tornada elemento contemporâneo, a poesia vê no dia-a-dia da vida a possibilidade real de (re)acender o romantismo como *neologomarca* de uma postura mais centrada no sentimental, no espiritual e no indizível das palavras. Nela, ao romper com um tipo de produção de viés concreto, o poeta busca a reconstrução de uma poesia brasileira como se começasse tudo de novo. E assim faz, na busca da compreensão de que “difícil é descobrir o novo nas coisas recentes” (Leminski e Bonvicino, 1999: 10).

Parte dessa produção, ainda atrelada ao cânone, reaproxima-se dos parnasianos por seu gosto pelo artifício da estrutura poética e uso de outros recursos (rima e escansão, por ex.); outra, assume como norma a transformação em novos significados de Figuras de Linguagem, como a antítese e a metáfora. Dessa maneira, compõem suas poéticas, dentro de uma linha neorromântica, articulando visão intimista com a abordagem tecnicista da poesia concreta: articula-se Olavo Bilac e Oswald de Andrade; Vinícius de Moraes e Glauco Matoso; Cecília Meirelles e Xico Alvim. O poeta contemporâneo, ao utilizar com rara habilidade e eficiência o *mass media*, desconfiava da formalidade

acadêmica e do que chamava, no rastro da produção concretista, de “lógica aristotélica” da linguagem.

Posto que poesia e insubmissão caminham juntas (Moisés, 2007), o sentido de poesia imersa no contemporâneo, ao tempo que mantém exemplos de composição poéticas com virtuosismo técnico e aprimorada intelectualidade, estabelece uma relação marcada pelo lúdico, por uma expressão de fundo romântico centrada entre a inocência e o deslumbramento pela vida e pessoas. Muitos desses poemas revelam um inconfundível prazer pelo conteúdo conciso do haikai e assumida liberdade, quanto à estrutura, no uso descompromissado da assonância e da rima, no uso do verso branco e sem medida, construindo o poema visualmente, reconstruindo a forma/fôrma das letras e palavras e ocupando o espaço disponível da folha:

xavante¹
muitos xxxxx
avante (Leminski, 1985)

só eu
nu
com meu
um
bigo
um
ido a
um ún
ico
nun
ca (Antunes, 2001)

A partir dos anos 70, no Brasil se percebe a estruturação do Movimento Negro Unificado, a proliferação dos terreiros de umbanda, do ritual católico das missas que admitem algumas intervenções do candomblé. Percebe-se, ainda, o ressurgimento de entidades afrocarnavalescas, o renascimento de uma música popular negromes-

¹ Grupo indígena do estado brasileiro de Mato Grosso.

tiça que, entre outros fatores, institui um novo contexto histórico fundamental nas relações sócio-raciais. Ao lado desses acontecimentos nacionais, vê-se o surgimento, no continente africano, de novas nações negras de língua portuguesa superando o colonialismo e a revitalização do movimento *black power* e da *soul music* norte-americanos.

Assim, à vontade, revigorou-se a produção poética nacional a partir da década de 70. Nesse revigor contemporâneo, rotineiramente necessitado em apresentar o “fim de algo” – que bem poderia ser “o fim do próprio moderno ou, em outras palavras, o fim do Sublime, a dissolução da arte de alcançar o Absoluto” (Jameson, 2006: 142) –, tal produção serviu de apoio para uma intenção, na verdade despreocupada, em seguir as idéias da poesia concreta ao longo das trilhas áridas dos anos da década de 60.

Nesses trilhos às vezes não paralelos, tal produção reaplica a importância de Oswald de Andrade com seu coloquialismo nacional e poemas-piada, poemas-minuto, poemas-pílula; o constante e intenso diálogo com a literatura clássica, com os simbolistas e com a poesia *beat* americana, a fim de tentar estabelecer novos parâmetros para a leitura e compreensão da lírica moderna. Reaplica, ainda, a produção literária pela música popular; o uso cordelizado do provérbio, a construção da frase poética densa e simples.

Todos esses “desvios”, recriando novos caminhos, traçam o turbado percurso da poesia nessa imersão conflitante do poroso contexto contemporâneo (Ferréz, 2005). Daí o projeto ético-estético para uma poesia, na verdade, inconclusa em sua missão: textos com a missão, função, expressão de registrar o neorromantismo, o hiper-realismo de uma produção poética na modernidade, perdida no comum para se buscar encontrando na diferença.

Poesia brasileira contemporânea: poética excêntrica em suas marcas neo-românticas (um conjunto de características)

Baseando-se na articulação de alguns conceitos da semiologia e Estética da Recepção (Santaella, 2000; Lima, 1979), na análise do conceito de romantismo anticapitalista (Löwy e Sayre, 1995), o conjunto de características a seguir busca o *desvelamento temático* do sentido de excentricidade romântica na produção poética inserida

na contemporaneidade brasileira. Construída pela articulação conteúdo x forma, essa produção representa a literatura nacional expressa por temas contemporâneos, fundados em uma condição hiper-real e metonímica. Tal expressão contemporânea se manifesta por meio da articulação com uma produção moderna de essência surreal e metafórica (Merquior, 1996).

Sob tal contexto sócio-artístico – delimitado pela década de 70 aos dias atuais – se reestrutura um novo sentido de neo-romantismo, considerado como tipo de expressão excêntrica. Sob um contexto também pós-moderno (Hutcheon, 1991), esse sentido se destaca face ao emblemático poder canônico “delimitador” das obras de poetas como Drummond, Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes. Ainda procurando espaço de representação, esse novo sentido é demarcado por poetas como Manoel de Barros, Marcos Siscar, Glauco Matoso, Xico Alvim, Paulo Henriques Britto, Arnaldo Antunes, entre outros. Neorromânticos excêntricos, às margens de um centro canônico literário estabelecido, esses poetas são, com sua visão crítica, lírica, telúrica, corrosiva e desmascaradora de arte e mundo, efetivamente os refundadores de uma verdadeira “tradição moderna” nacional selada em uma poesia que reflete, a sua maneira, o espaço artístico contemporâneo.

Assim, às margens desse vivo sentido de refundação de uma poética, essa mesmice cíclica dita arte de vanguarda regula, dependentemente, também as relações com aquilo que passou. Na verdade, o dado novo na fase de nossa atual cultura poética – pretensamente ainda contra o erudito, o cânone –, em comparação com a fase do liberalismo avançado, é a exclusão do povo. Assim é que “a máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco” (Adorno e Horkheimer, 1993: 126).

É importante entender que, não obstante esse caldo poeticamente caótico de tendências e ideologias – com exceções como os poetas citados ao longo da análise –, há uma tentativa informal em buscar um “sentido de expressão”, diga-se, comum. Assim, na linha de um *neorromantismo-excêntrico* e considerado sob essa inconclusa estru-

tura ético-estética contemporânea, seguem algumas características que podem ser avaliadas como componentes basilares de nossa produção poética contemporânea:

- a “presença ausente” da mulher amada – símbolo do sentimento perdido / encontrado no vazio do dia-a-dia;
- a crítica (com intenção solidária) a condições de existência centradas na vida rotineira, sem dificuldades ou dúvidas;
- a poética da neorreligiosidade como ofício de crença em um deus (multibrasileiro) ativo e presente;
- o sentido transmoderno da fugacidade contemporânea para um local ideal, ainda que incrustado na materialidade urbana das cidades;
- a morte dos sonhos, das vontades como sinal de advertência da efemeridade dos desejos e projetos de vida;
- o poeta multimoderno visto pelo olhar (religioso-poético) do poeta eterno;
- o prazer pela estrutura lírico-poética (trans)formadora como revelação inovadora de si mesma;
- o sobreolhar (neo)romântico do poeta sob a pósmodernidade da poesia;
- o egocentrismo abrigado no meio da excentricidade de uma multidão modernamente reclusa e carente;
- a anti-rigidez de uma estrutura poética decomposta pela via de expressão em prosa;
- a liberdade assumida na construção dos versos e na estruturação transgramatical de tendência modernista;
- a figura (moderna) da mulher descrita como representação neo-lírico-carnal dos sentimentos do poeta;
- a hipermodernização do *Mal du siècle* composta pela visão de um mundo decadentemente renovador;
- a poesia como desmembramento explosivo da fissão entre um neo(ego)lirismo e uma modernidade pancêntrica.

Em suma, para melhor compreensão da relação poesia / dialogia / excentrismo e sentido mesmo de nação, considere-se que nessa estrutura contemporânea (e funcional) da arte como expressão sócio-

-cultural, de todas elas, a que mais sofreu foi a literatura. Nela, o gênero mais atingido foi, sem dúvida, a poesia que, na verdade e em boa parte, enveredou-se por um desorientado caminho tecno-artístico (Lyra, 1995). Pela necessidade de cobrança por experimentações aleatórias, esse caminho tende a tornar iguais temas, formas e conteúdos em um tempo marcado pela exigência de posturas politicamente corretas, além da enorme profusão de imagens, sons, cores e rapidez na troca de informação.

Tempo em que o grande público se afasta dela (a poesia) em nome de leituras mais pragmáticas e aplicáveis às mais variadas situações. A poesia, de tal maneira represada, tenderia a se distanciar dos novos meios tecnológicos de comunicação de massa, ainda envolvidos por “ícones sócio-artísticos” como Xuxa, Gugu Liberato (apresentadores de tv brasileiros), Super-homem, Ronaldo (jogador de futebol), *reality shows* etc. Não obstante tais louvações efêmeras, por caminhos outros e ainda que tortuosos, o romance se reapresenta no cinema; a novela domina a televisão (sobretudo a brasileira); o conto aproveita a revista; a crônica se diariza pelos jornais. O jornal e a revista popularizaram a crítica e o ensaio, e deles, vieram o artigo e a resenha. A poesia se mantém, forte e fragilizada, como que ligando esses gêneros, sob a idéia de que, tanto na literatura, quanto nas artes visuais, tem havido um repensar da relação signo-reflexividade e prática social.

Enfim, sob tal processo de *repensar* a poesia como expressão lírica independente, é possível se ampliar o debate envolvendo questões como a relação *poder* e *conhecimento*, *intenção literária* e *formas de comunicação* em que, antes de poeticamente ambígua pela imersão na cibertecnologia atual, a poesia brasileira tende a se revelar como algo duplo – pela original demarcação conotativa de suas imagens – e mesmo contraditório – pela franca oposição a um mundo utilitarista, funcional e imediatista. Assim entendido, esse “duplo” referenda a legitimação do poeta em busca de uma nova poética, liberada da tutela de uma pretensa metafísica contemporânea e articulada à linguagem própria da poesia, e não ao discurso da filosofia, ou da economia, ou da política, ou do futebol.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, (1993), *Dialética do esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ANTUNES, Arnaldo, (2001), *Tudos*, São Paulo, Iluminuras.
- ARAÚJO, Ricardo, (1999), *Poesia visual – vídeo poesia*, São Paulo, Perspectiva.
- ASSUNÇÃO, Ademir, (1991), “Leminski: dor e rigor em seus últimos poemas”, *Jornal da Tarde*, São Paulo, 29.03.1991.
- ÁVILA, Affonso, (2007), *O poeta e a consciência crítica*, São Paulo, Perspectiva.
- BOSI, Alfredo, (2006), *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo, Cultrix.
- BOSI, Alfredo, (2003), *O ser e o tempo da poesia*, São Paulo, Cia. das Letras.
- BRITTO, Paulo Henriques, (2004), *Macau*, São Paulo, Cia. das Letras.
- CANDIDO, Antonio, (1993), *O discurso e a cidade*, São Paulo, Duas cidades.
- CHKLÓVSKI, Vitor, (1973), “A arte como procedimento”, em: Dionísio de Oliveira Toledo (org.), *Teoria da literatura: formalistas russos*, Porto Alegre, Globo.
- FERREIRA DA SILVA-FERRÉZ, Reginaldo (org.), (2005), *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, Rio de Janeiro, Agir.
- HUTCHEON, Linda (1991), *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, Rio de Janeiro, Imago.
- JAMESON, Fredric, (2006), *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LEMINSKI, Paulo, BONVICINO, Régis (org.), (1999), *Envie meu dicionário – cartas e alguma crítica*, São Paulo, Editora 34.
- LEMINSKI, Paulo, BONVICINO, Régis (org.), (1985), *Caprichos e relatos*, São Paulo, Brasiliense.
- LIMA, Luiz Costa (org. e trad.), (1979), *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LYRA, Pedro, (1995), *Literatura e ideologia*, Petrópolis, RJ, Vozes.
- LÖWY, Michael, SAYRE, Robert, (1995), *Revolta e melancolia – o romantismo na contramão da modernidade*, Petrópolis, RJ, Vozes.
- MERQUIOR, José Guilherme, (1996), *A razão do poema*, Rio de Janeiro, Toopbooks.
- MOISÉS, Carlos Felipe, (2007), *Poesia & utopia*, São Paulo, Escrituras.

- MORICONI, Ítalo, (2004), *Como e por que ler poesia brasileira do século XX*, São Paulo, Objetiva.
- PIGNATARI, Décio, (1995), *Letras, artes, mídia*, São Paulo, Globo.
- RISÉRIO, Antônio, (1990), “Leminski e as vanguardas”, *Revista bric a brac*.
Brasília, nº 4 pp. 11-13.
- SANTAELLA, Lúcia, (2000), *A teoria geral dos signos*, São Paulo, Pioneira.
- TELES, Gilberto Mendonça, (1991), *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, Petrópolis, Vozes.